Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Entendendo o Sistema Educacional Vitoriano:

Realidade e Ficção em *Jane Eyre* e *Oliver Twist*

Marcos Maciel Ribas

Porto Alegre, Dezembro de 2010.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Entendendo o Sistema Educacional Vitoriano:

Realidade e Ficção em *Jane Eyre* e *Oliver Twist*

Monografia de Final de Curso submetida à Comissão de Graduação do Instituto de Letras da UFRGS requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em Letras.

Autor: Marcos Maciel Ribas

Orientadora: Sandra Sirangelo Maggio

Porto Alegre, Dezembro de 2010.

Agradeço a Sandra, por ter sido a orientadora perfeita.

Agradeço a minha mãe por toda dedicação e paciência até este momento.

Agradecimento especial para Ana Natacha por todo apoio que recebi e espero continuar recebendo pelo resto da vida.

Agradeço também ao meu filho Gabriel, fonte de minha inspiração e a quem eu dedico este trabalho.

Quem não conhece o valor das palavras não saberá conhecer os homens.

CONFÚCIO, *Diálogos de Confúcio*

RESUMO

As obras de arte estão sempre em processo de troca com a sociedade na qual se inserem. No pano de fundo de um mundo ficcional encontramos o reflexo da sociedade a que pertence o seu próprio autor. Num movimento inverso, o efeito provocado pela obra de arte sobre os leitores realimenta e tem o potencial para redirecionar o senso estético e os valores do público que a consome. Assim, nesse processo dialético constante, vão-se delineando os contornos culturais que definem, por exemplo, as literaturas nacionais que tanto nos encantam e instruem sobre os povos que as criaram. Nesse espírito, o objetivo da presente monografia é apresentar considerações sobre como ocorre tal troca de influências, utilizando como *corpus* de aplicação dois romances clássicos da literatura vitoriana, *Oliver Twist* (1838), de Charles Dickens, e *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë. A partir da análise de certos elementos que ambas as obras têm em comum, este trabalho apresenta aspectos relevantes sobre a estrutura social e suas relações com o sistema educacional britânico na Londres de Dickens e na Yorkshire de Brontë. Encontramos nestes textos uma série de críticas implícitas aos critérios e parâmetros morais e educacionais adotados naquele tempo. Isso se dá sob o comando das vozes narrativas criadas por autores que são frutos do próprio contexto que condenam e ironizam. Através dessa análise, são investigados aspectos do desenvolvimento dos protagonistas, bem como o modo de abordagem dos temas propostos e o método de escrita utilizado pelos autores. Os medos, os anseios e as intenções presentes nos subtextos, assim como as negociações realizadas pelos autores para evitar a crítica e o confronto direto com os mecanismos de controle e administração da sociedade, revelam muito do modo de ser do autor vitoriano. Ao término do trabalho, espero que esta contribuição sirva como convite a uma reflexão sobre como o sistema social e educacional britânico de então ainda se reflete na sociedade e no ambiente escolar contemporâneo, até mesmo naquele em que nós estamos inseridos, no Brasil do Século XXI.

Palavras-Chave: 1 Literatura inglesa vitoriana; 2 Sistema educacional vitoriano; 3 *Oliver Twist*; 4 Charles Dickens; 5 *Jane Eyre*; 6 Charlotte Brontë.

ABSTRACT

Works of art are always in exchanging process with the society in which they are produced. The author's real world is the source to project and to create a fictional world in literature. Conversely, the effect promoted by literature on readers has potential to change conceptions and moral values. Following this constant dialectical process, cultural traces are defined, forming the national literatures which delight us and tell us about the peoples that created those works of art. The aim of this monograph is to show examples of this exchange of influences between literary production and reality, using two classical novels in Victorian literature, *Oliver Twist* (1838), by Charles Dickens, and *Jane Eyre* (1847), by Charlotte Brontë, to illustrate how this occurs. This monograph comments about relevant aspects of the social structure and educational system of the Victorian Age through the analysis of elements that are common to both novels. Emphatic criticism about moral and educational patterns adopted by the Victorian society is found in both texts. These critiques occur through the command of narrative voices, created by the authors, which expose and contest, often with irony, their own context. This work also investigates characteristics of both protagonists' development, as well the authors' approaches to develop proposed themes. Fears, wishes and intentions present in the subtext, as well the negotiations promoted by the authors to avoid critics and a direct conflict with devices of social censure, reveal an important aspect of the Victorian world. I hope this monograph can be useful to trigger reflection about the British educational system and its social structure, in order to identify matters that are still pertinent in our current school environment, even in our own Brazilian society, in the 21st Century.

Key-words: 1 Victorian literature; 2 Victorian educational system; 3 *Oliver Twist*; 4 Charles Dickens; 5 *Jane Eyre*; 6 Charlotte Brontë.

SUMÁRIO

1. Introdução 09

2. O significado do termo "vitorianismo"..... 12

3. O contexto vitoriano 16

4. Reflexo nas obras *Jane Eyre* e *Oliver Twist* 24

5. O sistema educacional vitoriano 41

6. Conclusão..... 46

7. Referências bibliográficas..... 50

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	<http://www.poorwilliam.net/pix/bronte-charlotte2.jpg> <http://www.phillyist.com/attachments/philly_jim/charles_dickens08-16-06.jpg> acessado em 20/11/2010.	p. 14
Figura 2	<http://www.rpsl.org.uk/images/telegraph/telegraph_room.jpg> acessado em 20/11/2010.	p. 18
Figura 3	<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/eb/Crystal_Palace_interior.jpg> acessado em 20/11/2010.	p. 19
Figura 4	<http://special.lib.gla.ac.uk/images/century/bf69c1_42.jpg> acessado em 20/11/2010.	p. 22
Figura 5	<http://lib-1.lse.ac.uk/archivesblog/wp-content/uploads/2009/07/fabian_tract_1.jpg> acessado em 20/11/2010.	p. 23
Figura 6	<http://art-posters-prints.posteravatar.com/posters_click.php?id=1584527> acessado em 20/11/2010.	p. 29
Figura 7	<http://www.larkshill.org.uk/images/workhouse_scene.jpg> acessado em 20/11/2010.	p. 30
Figura 8	<http://www.hss.state.ak.us/gcdse/history/Images/section%2002%20-%20dark%20ages/2r-poorhouse.jpg> acessado em 20/11/2010.	p. 33
Figura 9	Gravura original de Oliver Twist, por George Cruikshank	p. 34
Figura 10	<http://downloads.bbc.co.uk/rmhttp/schools/primaryhistory/images/victorian_britain/victorian_schools/v_class_girls_rows.jpg> acessado em 20/11/2010.	p. 43
Figura 11	<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/The_Snapshot_of_poor_law_of_1834.gif> acessado em 20/11/2010.	p. 45

1. Introdução

Esta monografia tem como objetivo analisar e comparar elementos em comum entre os romances *Oliver Twist*, escrito por Charles Dickens, e *Jane Eyre*, escrito por Charlotte Brontë, para mostrar as inter-relações entre ficção e realidade no que diz respeito a instituições e práticas sociais, à educação, à relação entre as classes, ao feminismo e a outros aspectos refletidos nesses dois romances. Existem elementos comuns a estas duas obras que podem ser explorados para a criação de uma imagem do sistema educacional e da estrutura social da Inglaterra no período vitoriano.

Ao longo do tempo, foram elaboradas diferentes explicações para descrever o que é e qual a função da obra de arte. No caso dos objetos de estudo desta monografia utilizaremos como ponto de partida o contraste entre dois conceitos, o da antiguidade clássica e o do período vitoriano, para melhor entender a função da obra literária de Dickens e Brontë. [1]

Para Platão e Aristóteles a *mimesis* era considerada uma representação da natureza. Todavia, os dois filósofos tinham opiniões diferentes sobre o papel e a função da literatura. Aristóteles via com bons olhos o papel do artista e a tarefa de imitar, na arte, a beleza da natureza. A função da arte, para Aristóteles, seria, portanto, a imitação da realidade. No entanto, para Platão toda a criação seria uma imitação, devido à impossibilidade de existir uma "cópia fiel da realidade." Sendo assim, toda a imitação seria uma impossibilidade, estando fadada a ser um fracasso. Isso pode ser encarado de duas formas opostas. Pode-se interpretar que Aristóteles é a favor da arte e Platão não é. Ou, inversamente, que Platão está mais consciente do poder – e do perigo – que a arte, as ideias e a criatividade podem representar. Quanto mais se sabe e quanto mais se pensa, mais poder se tem. O autor é um criador. E todo o criador é um deus. Cada autor é o deus criador do mundo ficcional que inventa. Aristóteles, com a única restrição de aconselhar que, na ficção, "o crime não deve compensar", não parece enxergar perigo algum no ato da criação artística. A representação mimética seria uma imitação de segunda mão e inofensiva. Platão, por outro lado,

[1] Os comentários sobre a função da literatura e sobre o pensamento de Platão e de Aristóteles são instruídos respectivamente pelo crítico Victor Manuel de Aguiar e Silva e pelo filósofo Will Durant.

reconhece o poder subversivo da propagação de ideias e faz um alerta sobre o risco que a *polis* corre ao ter um número muito grande de livre-pensadores. Um pouco mais adiante no tempo, ainda de acordo com os conceitos clássicos a respeito da arte, o poeta e filósofo romano Horácio une as duas teorias anteriores e conclui que a arte deveria ser ao mesmo tempo *dulce et utile*, servindo tanto como entretenimento, para satisfazer o gosto dos leitores, quanto preenchendo uma finalidade útil. Para Horácio, deve sempre haver uma utilidade prática na obra de arte, que contribua para o bem estar da coletividade.

Na Inglaterra de meados do século XIX, período de que trata este trabalho, acreditava-se que a boa arte deveria ser principalmente didática. O autor vitoriano deveria ser comprometido com seu público leitor e com a sociedade a que pertencia. Assim, ao terminar de ler um livro, esperava-se que o indivíduo se tornasse uma pessoa melhor, seja no sentido intelectual, seja no sentido moral. A literatura inglesa não costuma ser alegórica, ela geralmente conta uma história. O resto vem como pano de fundo, como consideração filosófica, como "cor local". É no pano de fundo de Dickens que surge o seu principal personagem, a Londres Vitoriana. E é nos comentários laterais de Brontë que toda a opressão daquele código de conduta repressor se apresenta. Até que ponto a crítica social apresentada é feita de forma racional ou inconsciente não é relevante para este trabalho. O que importa é que, para os padrões da época, a obra de arte vitoriana deveria contribuir para a manutenção do sistema ao invés de questioná-lo. Todavia qualquer leitor percebe que tanto em *Jane Eyre* quanto em *Oliver Twist* é feita uma crítica muito dura às injustiças daquele sistema. No caso de *Jane Eyre*, esta dimensão passa despercebida numa primeira leitura devido à quantidade de ações contidas no enredo, à história de amor e aos elementos góticos. E em Dickens o humor e os elementos cômicos atenuam, num primeiro momento, o impacto das cenas que são apresentadas. Ou seja, a crítica inglesa, assim como o humor inglês, é feita aos poucos, gota a gota, de maneira imperceptível, até que – quanto se percebe o tamanho da questão – já não se pode mais voltar atrás. Provavelmente o leitor nem tenha se dado conta de uma série de coisas até que um dia, comentando sobre um ou outro problema, dá como exemplo o que acontece no romance e se dá conta de que ali está refletida uma circunstância da sociedade à qual pertence. É assim, aos poucos, que percebemos que tudo em que os vitorianos acreditavam sobre o que é uma criança, ou sobre a função da educação, está registrado minuciosamente na literatura daquele período. Dentro desta proposta, este trabalho é focado no reconhecimento da relação que o

desenvolvimento dos personagens principais tem com o contexto histórico em que as obras foram produzidas, a partir da premissa de que a literatura nunca está totalmente desvinculada do contexto histórico do qual ela deriva.

Estou ciente de que a proposta deste trabalho é grande demais para o escopo de uma monografia. A ideia inicial foi realizar uma análise do sistema educacional inglês, dos conceitos sobre o que deveria oferecer uma boa educação, a partir da observação da experiência que os dois protagonistas, Oliver Twist e Jane Eyre têm, respectivamente, na instituição e no orfanato em que são colocados. Com o tempo fui percebendo que precisaria de um capítulo inteiro para definir o termo "vitorianismo", e de outro capítulo para apresentar aquela sociedade tão cheia de controvérsias, e de outro para ligar os dois capítulos anteriores à proposta educacional daquela época. Considerando também o corpus de aplicação é constituído por dois romances enormes e muito ricos. As duas obras somam 975 páginas, assim como, são grandes as contextualizações que abrangem campos imensos: história, religião, filosofia, arte. Além do foco da proposta original: a educação e o sistema educacional. Ainda assim, ao invés de desistir, minha orientadora e eu optamos por apresentar considerações sobre cada um desses aspectos, pois é com o primeiro passo que se empreende uma jornada mais longa. E este é, afinal, o propósito de um TCC. Este é o primeiro estágio de uma pesquisa que espero poder levar mais longe, pelo prazer de ir a fundo no estudo da literatura e da cultura do povo que vive a língua da qual estou para me tornar um profissional.

Para evitar que esta sequência de comentários ficasse muito rasa, ou desconexa, foi necessário estabelecer um recorte pontual, para que a discussão não perdesse o rumo. Assim, a vivência e as circunstâncias dos dois protagonistas que emprestam seus nomes aos romances serão utilizadas como foco de aplicação das considerações sobre o período apresentado. Também serão consideradas as estratégias (conscientes ou não) dos autores para atingirem determinados efeitos, sejam estéticos ou na apresentação de idéias sobre o mundo em que se movimentam. As obras serão tratadas também como documentos históricos que refletem a noção da educação proposta durante o período vitoriano e como expressão estética, analisando o estilo utilizado para apresentação do ponto de vista e as técnicas utilizadas para deixar contundente a crítica social que está sendo apresentada.

2. O significado do termo "Vitorianismo"

O primeiro passo pela nossa jornada por esses dois universos ficcionais trata da definição do termo "vitorianismo," imprescindível para o entendimento da concepção da sociedade e do sistema educacional da época. De acordo com Sandra Maggio, não somos apenas nós, os leitores estrangeiros, que estamos acostumados a estereotipar aquele período de grande crescimento artístico e tecnológico. "As sutilezas envolvidas no termo 'vitorianismo' são tão intrincadas que não apenas leitores estrangeiros estão sujeitos a sua má interpretação. Especialistas anglo-americanos estão atualmente reavaliando o vitorianismo, assim como suas crenças de que este termo tenha sido contaminado por sua própria projeção." (MAGGIO: 1999, p. 18) Assim, esta visão distorcida precisa ser desfeita, antes de termos a presunção de identificar a sociedade que está refletida nas duas obras estudadas.

A partir do século XX, o termo "vitorianismo" passou a ser vinculado a alguns significados e clichês que podem ser grosseiramente imprecisos para a aplicação neste trabalho acadêmico, podendo causar dubiedade em alguns casos. Por isso vamos tratar especificamente de alguns aspectos do conjunto de significados que o termo "vitorianismo" carrega e que de alguma forma não puderam ser bem traduzidos na história.

Desta forma busco apresentar um conceito que não ceda a visões estereotipadas que possam obstruir a interpretação precisa dos elementos do texto que se relacionam com os posicionamentos adotados pelo cidadão vitoriano, pelo autor vitoriano ou pelo texto literário.

Obviamente, simplificações e rotulações não estão relacionadas exclusivamente com o período vitoriano, o processo de rotulagem é de fato uma prática comum, aplicada em muitos outros períodos históricos. Hoje em dia ainda se atribuem conotações negativas ao termo "vitorianismo", associando-o com a imagem de uma sociedade puritana e à moda antiga, com cidadãos reprimidos e hipócritas. Existem também aqueles que evocam uma imagem diferente, romanticamente idealizada de um mundo acolhedor e pitoresco.

No entanto, além destas idéias convencionais sobre a época, existem muitos outros elementos relacionados com o conceito de vitorianismo que devem ser considerados. A arquitetura vitoriana, por exemplo, pode nos dizer muito sobre o modo de ser daquela sociedade. Ao contrário de outras nações européias, como no caso da França, que tiveram um grande rompimento das concepções artísticas e culturais prévias, causando mudanças nos estilos arquitetônicos, as mudanças na arquitetura vitoriana ocorreram dentro de um processo de transição que respeitava o estilo clássico tradicional. No entanto, a riqueza e os excessivos contornos da arquitetura vitoriana representam também os aspectos da prosperidade e da euforia econômica da época. Desta forma, aos poucos foram surgindo novidades na arquitetura vitoria. O Palácio de Cristal, por exemplo, uma estrutura desmontável em vidro e ferro fundido, utilizava a luz ambiente e mesclava harmoniosamente a natureza e a tecnologia, apresentando características pós-modernas no seu projeto.

O Professor George P. Landow nega a lacuna geralmente definida entre o século 19 e a vida do século 20, afirmando que a Inglaterra vitoriana era, em muitos aspectos, uma sociedade extremamente viril e competitiva, "não muito diferente dos Estados Unidos hoje. Não tinha o mesmo tipo de adoração cega pela independência e pelo dinheiro, não haviam as mesmas crenças nas instituições - patriotismo, democracia, individualismo, religião organizada, filantropia, moral sexual, família, capitalismo e progresso(...) e, no centro, estava o mesmo abscesso minúsculo - a culpa persistente relacionada com a contradição entre moral e o sistema " (LANDOW, C. P. The reality of Victorianism, 1998). Landow desta forma contradiz as noções correntes sobre o sentimentalismo vitoriano.

Podemos considerar o vitorianismo como ascendente direto dos tempos atuais. Na Inglaterra vitoriana testemunhamos o início do feminismo, da sindicalização dos trabalhadores, do socialismo, dos problemas modernos e das tentativas de soluções modernas. Essa é uma época de paradoxos e poder, com uma posição curiosamente ambivalente em relação à religião. Junto com os movimentos múltiplos, como o movimento do catolicismo em Oxford, o movimento evangélico, a difusão da Igreja anglicana, o aumento do utilitarismo, o socialismo, o darwinismo e o agnosticismo científico, enfim, a marca da religião vitoriana parece ser a dúvida. As dúvidas naquele momento eram inclusive sobre as funções e os fundamentos das instituições religiosas. O

período vitoriano era até então, o momento em que mais se levantaram vozes na sociedade inglesa contestando a própria existência de Deus.

Uma das características mais marcantes da literatura criada nos tempos vitorianos é a maneira como ela difere de outras literaturas européias. Escritores alemães ou russos, por exemplo, não seriam tão facilmente vinculados aos tabus e aos preceitos religiosos de sua sociedade como os escritores vitorianos de fato eram. A desonestidade dos homens, mulheres indecentes, ou qualquer tipo de conduta imprópria sexual ou social eram exemplarmente punidos no romance vitoriano.

A noção de respeitabilidade da classe média era incorporada ao modo de escrita dos autores ingleses, no caso dos autores das obras analisadas neste trabalho, Dickens e Brontë, também escreviam dentro destes preceitos morais. De modo geral, os escritores ingleses respeitam os limites impostos pela sua sociedade, aceitando ditames da moral e os preceitos da crítica literária. Este modo de escrever do autor vitoriano pode ser considerado tanto com um ponto positivo quanto negativo na avaliação de sua produção literária.

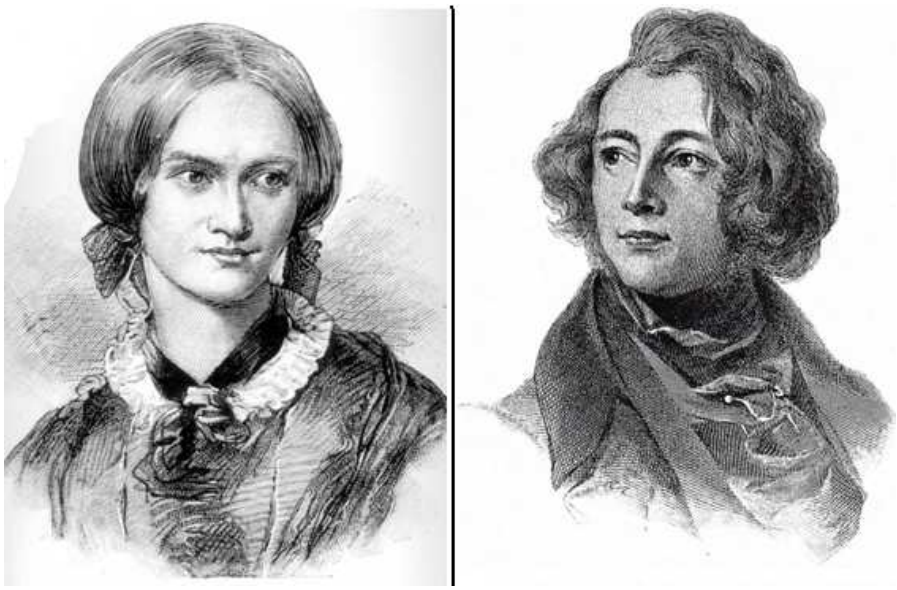


Figura 1: Charlotte Brontë e Charles Dickens, escritores vitorianos de grande popularidade.

Podemos inferir que de modo geral, os autores vitorianos aceitam a sociedade em que vivem, considerando sua falta de desprendimento e de independência para desafiar o

discurso moral de respeitabilidade. O autor vitoriano quando realiza uma crítica, compartilha com os leitores a expressão de seus medos e dúvidas. Como consequência, o texto produzido nestas condições fica marcado pelas contradições e pelas desarmonias, tornando-se um campo fértil para investigações. Portanto, as condições ideológicas conflitantes presentes nos autores vitorianos, se refletem nas suas ações, no seu comportamento e nos textos produzidos.

Os textos de Dickens e Brontë trazem refletidos muitos dos aspectos contraditórios da sociedade vitoriana, através da exposição de problemas sociais da Inglaterra vitoriana. Aspectos psicológicos e sociológicos são elementos importantes que fazem com que as formas dos textos de Dickens e Brontë serem como são. Muito dos seus estilos deriva da sua exposição e de sua interação com os conflitos que influenciam a vida vitoriana e que se refletem na arte vitoriana.

3. O Contexto Vitoriano

Na seção anterior deste trabalho, procurei definir a maneira como o termo "Vitorianismo" é compreendido para fins deste arrazoado. Contrariando o estereótipo de uma sociedade retrógrada, hipócrita e convencional, prefiro enfatizar aqui os elementos de contraste, que marcam a crise por que provavelmente passaram os que viviam naquele contexto. Por um lado, seu comportamento devia ser regrado pelo respeito às tradições e por um moralismo muito forte. Por outro lado, deviam ser agressivos e empreendedores. Os ambientes – rural na obra de Brontë e urbano na obra de Dickens – servem muito bem para exemplificar como esses conflitos se refletem nas vidas dos dois protagonistas das obras focalizadas. Esta segunda seção investiga um pouco mais alguns aspectos daquela sociedade intrigante e as mudanças singulares que ocorrem no seu desenvolvimento. Aquele é o momento em que se começa a falar em coisas como capitalismo, operariado, classe média. A população cresce consideravelmente. Novas ideias sobre organização social são propostas e, é claro, isso tudo tem reflexos na produção artística da época. Romances como o de Dickens e o de Brontë são muito diferentes, por exemplo, dos romances epistolares e picarescos do século XVIII. Os novos romances têm uma profundidade psicológica bem maior. O centro da atenção está na vivência dos personagens, quando nos romances anteriores a ênfase recaía sobre a ação retratada no enredo.

As mudanças econômicas e sociais no Reino Unido foram motivadas pelo contexto da economia mundial, que gerou uma situação interna difícil na Inglaterra. A Revolução Industrial resolveu parte dos problemas da economia, aumentando a produtividade e reduzindo custos de produção, no entanto, acabou criando desemprego em algumas frentes de trabalho e gerando problemas relacionados com a regulamentação da mão-de-obra. O fato de a Revolução Industrial ter ocorrido primeiramente na Inglaterra, trouxe vantagens para o Império Britânico. A partir dali foi o Reino Unido que passou a influenciar o resto do mundo, que logo aderiu ao modelo industrial. Essas mudanças foram muito rápidas e profundas. Provocaram o surgimento das grandes metrópoles industriais e modificaram uma série de questões internas, gerando grandes transformações na economia nacional e mundial. Isso provocou crise em uma série de países, ao passo que a economia no Reino

Unido florescia. O sistema capitalista gradualmente se desenvolvia, substituindo o velho mercantilismo entre a Europa e as colônias independentes, alterando a ordem geopolítica no mundo. Essas mudanças bruscas sempre provocam uma série de reações. Externamente, o Império Britânico estava mais forte do que nunca. Internamente, houve uma série de re-acomodações na ordem das coisas. A classe dos comerciantes e dos livre-empreendedores se fortaleceu em riqueza e em poder político. A velha aristocracia e os proprietários de terras perdiam aos poucos sua função entre as classes sociais. Outro fenômeno importante foi o notável crescimento do operariado e da classe média, duas novas classes sociais derivadas da mão de obra do campo que passou a migrar para as fábricas e para as cidades industriais.

O período vitoriano tem este nome devido a uma tradição antiga inglesa, que premia assim monarcas que tiveram uma vida longa, reinaram durante um período em que o país foi próspero e evocam boas memórias para os seus súditos. Assim, o nome dado a este período homenageia a rainha Alexandrina Victoria (1819-1901), da dinastia de Saxe-Coburg, que foi quem reinou por mais tempo sobre a Inglaterra. Seu reinado durou 63 anos e sete meses, de 20 de junho de 1837 até 1 de maio 22 de janeiro de 1901. De acordo com Gehring[2] (GEHRING, circa 1910**)** a Inglaterra era uma antes da ascensão da Rainha Vitória e outra completamente diferente quando a mesma se foi, já no século XX.

> Let us try to picture the England of 1837, when the Young Queen came to the throne. There were no railways to speak of; and as nobody travelled, except the rich their own country was unknown to most Englishmen. Few of the country people could read or write (p.3). There was no national system of education in 1837 (…) yet the children of respectable working men went to school.[3] (Gehring, circa 1910, p.5)

[2] Salvo quando explicitamente informado, as informações factuais apresentadas nesta seção são obtidas através da leitura do texto de Gehring.

[3] Minha Tradução: "Vamos tentar imaginar a Inglaterra de 1837, quando a jovem rainha subiu ao trono. Não havia ferrovias, para começar; e ninguém viajava, com exceção dos ricos. O país era desconhecido pela maioria dos próprios ingleses (p.3). Poucas pessoas do campo sabiam ler ou escrever. Não havia um sistema educacional nacional em 1837(...) mesmo assim filhos de homens trabalhadores respeitáveis iam à escola." (Tradução minha.)

A partir de estimativas oficiais, a população na Inglaterra quase dobrou desde o meio do século XIX até o começo do século XX. Inovações nos campos da ciência e da tecnologia, assim como a expansão de novos mercados geraram um aumento na produção industrial e criaram uma nova onda de industrialização. Exemplos de transformações e inovações tecnológicas também são citados por Gehring como o telégrafo elétrico.

> The first electric telegraph was used on the Blackwall Railway in the year of the Queen's Accession; and in 1839, a telegraph was established between Paddington station and West Drayton. That same year the wonderful art of photography first became known to the world. [4](Idem, p.6)

Figura 2: A sala do telégrafo.

Foram inúmeras as grandes invenções realizadas naquele período. Os inventores que tomaram parte nessa revolução tecnológica receberam a honra de serem enterrados no chão da Abadia de Westminster. São tantos que não se pode dar um passo ali dentro sem

[4] Minha tradução: O *primeiro telégrafo elétrico* foi usado na Ferrovia Blackwall no ano da Ascensão da Rainha; e em 1839, um telégrafo foi montado entre a estação Paddington e West Drayton. No mesmo ano, pela primeira vez, a maravilhosa arte da *fotografia* tornou-se conhecida pelo mundo.

pisar em um deles. Para celebrar todo este crescimento, em 1851, Londres promoveu a primeira feira mundial, também chamada de "A Grande Exposição" (*The Great Exhibition*). Naquele tempo foi estimado que uma terça parte do Reino Unido, algo em torno de seis milhões de pessoas ávidas por novidades, visitaram o evento sobre cultura e tecnologia. Neste período, o crescimento da produção industrial também motivou transformações na indústria gráfica e nos meios de comunicação.

A primeira feira mundial sobre ciência e tecnologia realizada durante o período vitoriano não poderia ser ignorada neste trabalho que propõe vincular realidade e ficção. Apesar de não ser citada diretamente nas obras em análise, certamente este evento constituiu um importante marco histórico naquela sociedade, e consequentemente inspirou as pessoas a refletir sobre seu presente e o seu futuro. A euforia dos britânicos quanto às grandes novidades se refletiu também nas obras de ficção.

Figura 3: A Grande Exibição no Palácio de Cristal. (Londres, 1851)

Como tudo mudou muito, e muito rápido – e como o reinado da Rainha Vitória foi muito longo – o rótulo "Literatura Vitoriana" pode provocar alguns mal-entendidos. Não se pode imaginar que houvesse muita semelhança entre um livro escrito em 1837 (quando Wordsworth ainda era vivo) e outro livro escrito em 1901 (quando George Bernard Shaw já havia publicado algumas obras). Assim, a Literatura Vitoriana costuma ser dividida em três fases. A primeira traz obras como as de Brontë e Dickens. A segunda equivale ao que no Brasil chamamos de Realismo e Naturalismo, e inclui escritores como George Eliot e Thomas Hardy. E a terceira fase já se abre para obras populares e que irão influenciar os modernistas e o cinema, com obras como *O Médico e o Monstro*, *Drácula*, ou a série de aventuras de Sherlock Holmes.

A forma como o desenvolvimento industrial é retratado na literatura britânica ao longo dos 63,7 anos do reinado de Vitória é muito variada. Mas a tendência predominante é que as mudanças sejam encaradas de maneira desfavorável pelos escritores da primeira fase. Um bom exemplo disso é a denúncia feita por Dickens dos maus tratos dados às crianças no submundo das cidades grandes. Já nos romances da fase final a ênfase vai para a utilidade dos novos instrumentos tecnológicos. Em *Drácula*, por exemplo, personagens diferentes registram suas impressões através de meios diferentes. O Dr. Seward usa como diário um proto-gravador, enquanto Mina Harker usa uma máquina de taquigrafia, coisas altamente modernas para aquela época.

Voltando a falar sobre a feira mundial, Gehring relata o tamanho e a magnitude da mesma:

> "O prédio construído para essa mostra (A Grande Exibição), um palácio de vidro, cobria 19 acres, ou aproximadamente sete vezes a área da Catedral de Saint Paul; e em mais de cinco meses em que permaneceu aberta recebeu mais de seis milhões de pessoas, entre ingleses e estrangeiros. O prédio da Exibição foi levado de Hyde Park e re-montado em Sydenham, onde ainda é conhecido como o Palácio de Cristal. " (GEHRING, circa 1910, p. 19, Minha Tradução).

Durante o longo reinado de Vitória, pode-se perceber algumas novidades na forma de fazer política no Reino Unido. O príncipe Albert esteve fortemente envolvido no projeto da organização da primeira feira mundial de tecnologia. Além disso, o príncipe Albert era sensível aos problemas sociais relacionados ao trabalho, moradia e educação do povo

britânico. Apesar de não existir mais uma monarquia absoluta, a realeza britânica no século XIX ainda conseguia influenciar o parlamento através da distribuição de cargos e de títulos de nobreza. No entanto, existem evidências de que as grandes reformas radicais na legislação britânica não seriam meramente um pacote de bondades proposto pela monarquia e pela classe política dominante. As reformas na legislação e a implementação efetiva das reformas econômico-sociais podem ser consideradas resultado da cautela da monarquia para poder preservar ainda por um tempo seu poder e regalias, evitando um movimento proletário ou burguês acerbado, ao estilo francês.

Dentro desse contexto histórico das inovações nas áreas da ciência, nos modos de transporte, na produção e na comunicação no período vitoriano, podemos considerar que a literatura desempenhou um papel importante na formação da ideologia daquela nova sociedade. Em comparação com os meios de comunicação existentes na época, a literatura sempre teve acesso privilegiado não só junto às classes mais abastadas mas também junto à classe média e ao operariado. A tradição de leitura nas Ilhas Britânicas já era antiga, datando da época em que o Rei Henrique VIII (século XVI), criou a Igreja da Inglaterra (*Church of England*), quando se desentendeu com a Igreja de Roma. Naquela ocasião, O Rei Henrique ordenou que cada igreja do reino deveria ter, exposta e à disposição da comunidade, uma Bíblia aberta, traduzida para a língua inglesa. Isso fez com que um número muito grande de pessoas quisesse se alfabetizar. A partir dali, os britânicos nunca mais pararam de ler.

Existem diversos exemplos que poderiam ser citados para ilustrar que a literatura como meio de comunicação possuía uma abrangência diferenciada quando comparada com outras mídias. As tiragens das primeiras edições de *Jane Eyre* e *Oliver Twist* podem ser consideradas modestas em relação às quantidades produzidas atualmente, no entanto, representaram um enorme sucesso de vendas para a época. Por outro lado, nem toda a literatura estava disponível para o cerne da sociedade vitoriana. Mecanismos de censura, efetiva ou moral, patrocinados pelas classes dominantes, formavam uma forte barreira no acesso, por exemplo, à literatura filosófica e à literatura panfletária.

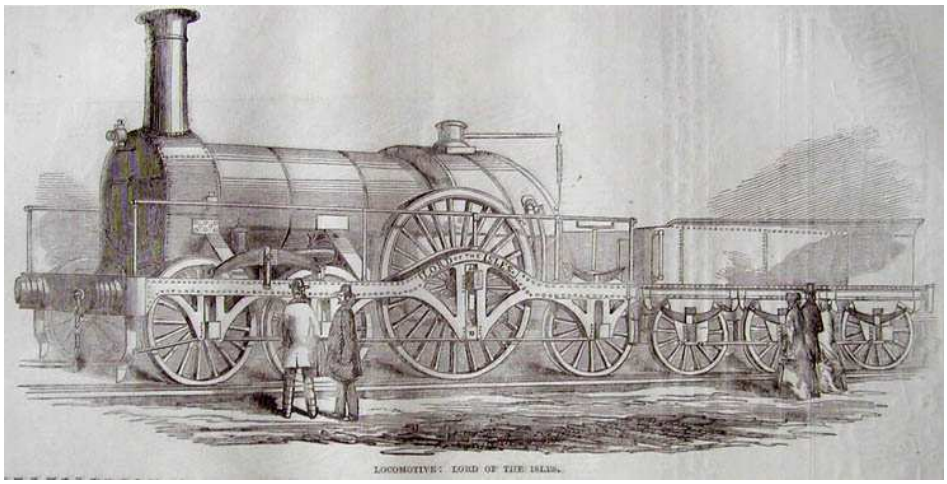
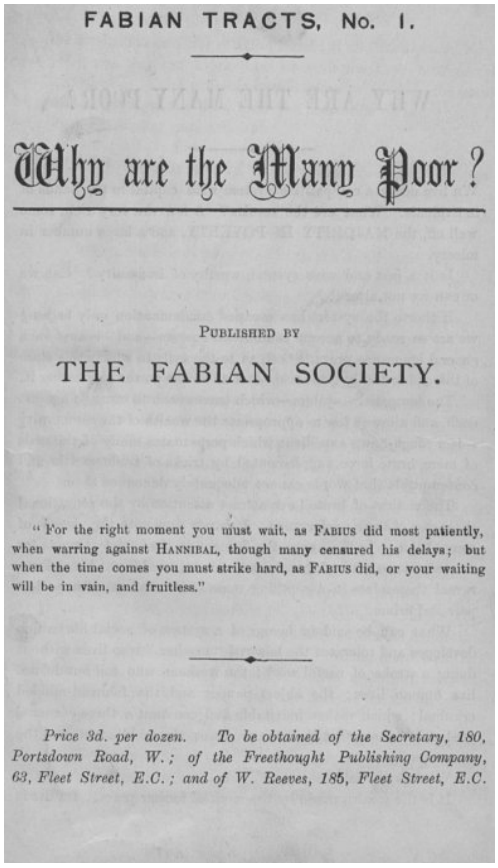


Figura 4: Locomotiva Lord of the Isles*, construída e exportada para todos os continentes pela* Great Western Company*,1847*

Na era Vitoriana surgiram diversas sociedades e organizações que tinham o objetivo de construir uma sociedade mais justa a partir de uma reforma social. A sociedade Fabiana pode ser citada como exemplo entre outras. Livros e panfletos eram comumente utilizados por indivíduos e grupos que constituiriam mais tarde os movimentos socialistas, comunistas e anarquistas para divulgação de seus ideais e propostas. O período Vitoriano no Reino Unido coincide com a publicação na Europa de teorias que formam a sociologia moderna, entre as quais podemos citar as publicações de Karl Max, Friedrich Engels e Maximilian Weber. Engels, por exemplo, publicou em 1845 na Alemanha o livro *Die Lage der Arbeitenden Klasse in England* (A situação da classe trabalhadora na Inglaterra), influenciado pela experiência que teve na juventude com a observação de famílias miseráveis de trabalhadores ingleses. Obviamente, apesar da importância das publicações relacionadas com o tema social, estes textos não alcançavam a popularidade que a literatura tradicional podia atingir no Império Britânico.



FABIAN TRACTS, No. I.

Why are the Many Poor?

PUBLISHED BY

THE FABIAN SOCIETY.

"For the right moment you must wait, as FABIUS did most patiently, when warring against HANNIBAL, though many censured his delays; but when the time comes you must strike hard, as FABIUS did, or your waiting will be in vain, and fruitless."

Price 3d. per dozen. To be obtained of the Secretary, 180, Portsdown Road, W.; of the Freethought Publishing Company, 63, Fleet Street, E.C.; and of W. Reeves, 185, Fleet Street, E.C.

Figura 5: Panfleto da Sociedade Fabiana. (Fabian Society,1884)

Apesar da diversidade nos meios de comunicação e da grande oferta de informação por parte da mídia, os tipos de problemas morais e de relações interpessoais com que os vitorianos tiveram que lidar continuam sendo reapresentados e possuem grande ressonância no nosso tempo, o que indica que o mundo em que vivemos não é tão diferente daquele que encontramos quando lemos os romances vitorianos. Mudanças inesperadas na economia e inovações tecnológicas ainda fazem parte da nossa realidade, assim como ainda estão presentes as questões relacionadas com o bem estar social envolvendo o trabalho, a educação e a igualdade de direitos.

4. Reflexos nas obras *Jane Eyre* e *Oliver Twist*

Jane Eyre e *Oliver Twist* possuem características do (sub)gênero Romance de Formação (*Bildungsroman),* apesar de no caso de *Oliver Twist*, o personagem principal não apresentar muitas mudanças ao longo de sua trajetória. Isso acontece porque o romance está focado em um determinado período da juventude da vida de Oliver Twist, apresentando o passado do personagem de maneira sucinta, apesar de crítica, e relegando e o futuro a mera especulação e projeção do leitor. O verdadeiro crescimento e as mudanças em *Oliver Twist* ocorrem para Oliver principalmente no seu ambiente da vida, nas dificuldades que teve de passar para sobreviver e nas escolhas que o personagem teve de fazer, e também através da representação das vidas dos personagens que orbitam o protagonista.

As duas obras são narradas em primeira pessoa. No caso de *Oliver Twist*, temos o narrador onisciente em primeira pessoa que é frequentemente utilizado por Dickens e que costumamos associar à pessoa do próprio autor. Este narrador é agradável, irônico e coloca muitas das suas opiniões e experiências pessoais nos comentários lançados durante o desenvolvimento da sua obra. Isso confere maleabilidade de foco no trato das emoções, que podem aproximar ou distanciar, conforme o objetivo, a percepção da voz narrativa da percepção do personagem protagonista, que é o menino Oliver. Já em *Jane Eyre*, a técnica é outra. O título completo do livro é: *Jane Eyre: uma autobiografia*. Se é uma autobiografia, então a autora do livro é a própria protagonista, Jane Eyre. Ou seja, existe um romance, *Jane Eyre*, que é escrito por Charlotte Brontë, a autora. Na página de rosto deste romance está escrito: *Jane Eyre: uma biografia*. O que significa que, dentro deste universo ficcional, a autora do livro é a própria Jane Eyre que, dez anos depois do final da história, resolve escrever as suas memórias. Temos então várias dimensões de Jane Eyre: autora ficcional, que é também a narradora em primeira pessoa, que é também a protagonista, e que encontramos em vários momentos diferentes: com dez anos, com dezoito anos, com vinte anos e com trinta anos. Apesar de termos dois romances em primeira pessoa, no primeiro a primeira pessoa é o narrador, não é um personagem que se movimenta na obra. Na segunda, a primeira pessoa é tudo: personagem, protagonista, narrador e autor. Cada um desses escritores, na minha opinião, utiliza a técnica que domina

melhor. A mobilidade e o humor de Dickens, e a paixão e a intensidade de Brontë são o que cada um dos dois tem de melhor a oferecer para o seu público leitor.

De tantas coisas excelentes que poderíamos abordar ao tratar desses dois textos, vamos precisar fechar o foco naquilo que é o propósito desta monografia: um olhar sobre a relação de ambos os protagonistas enquanto membros do reflexo do mundo vitoriano projetado nas ficções escritas por Dickens e por Brontë.

Oliver e Jane são órfãos tentando sobreviver e crescer em um contexto hostil e com pouca possibilidade de serem bem sucedidos. Os dois romances também têm como característica comum a apresentação de cenas horríveis e extremadas, que mostram de maneira dilacerante o tipo terrível de tratamento dado às crianças pela sociedade, pelas instituições educacionais e pelos adultos que deveriam ser responsáveis por cuidar delas. No século XIX o estilo sentimental era muito bem visto. Essa é a época em que o melodrama surge como grande gênero dramático. Tanto Dickens quanto Brontë sabem como pintar, com cores bem fortes, a situação dramática por que passam os personagens. Nós, leitores de hoje, quando lemos cenas como aquela em que Jane Eyre não consegue se lavar, pela manhã, no orfanato de Lowood porque a água havia congelado na bacia, tendemos a achar que a narrativa é muito exagerada. Contudo, examinando documentos contemporâneos à vida da autora,[5] fiquei surpreso ao descobrir que, nos arredores da região em que a família Brontë vivia, todos os leitores identificaram a escola da vida real que havia servido com fonte de inspiração para Brontë. Assim fica comprovado que, seja de forma intencional ou não, esses dois romances cumprem a função social de apontar de forma muito enfática os pontos fracos do sistema vitoriano. No entanto, o modo com que Oliver e Jane percebem suas realidades, adquirem consciência da sua identidade e superam os obstáculos, tudo isso, na tradição do *Bildungsroman* que mencionamos anteriormente, abre uma possibilidade de esperança no futuro que não deixa de ser uma visão favorável do espaço social que permite que o indivíduo que se ajuda consiga ser bem sucedido no final da narrativa. A mensagem é ambígua, da mesma forma como a sociedade vitoriana também é.

[5] Cito come exemplo a biografia *The Brontës*, de Phyllis Bentley.

A leitura feita do personagem Oliver Twist varia entre os leitores e críticos que o consideram um menino inocente e puro, e os que o consideram um personagem inverossímil. Isto porque, apesar de ele ter crescido em um ambiente corrompido, sua pureza e virtude continuam sempre absolutas. De um jeito ou de outro, em *Oliver Twist*, parece existir a crença na existência de valores pessoais intrínsecos que determinariam a índole do indivíduo e o seu potencial para ter ou não sucesso na vida. Já em *Jane Eyre*, esta crença na inocência e na bondade não está tão explícita. Jane não tem a mesma inocência de Oliver Twist, provavelmente porque a pequena protagonista está confusa quanto ao que signifique ser bom ou ser ruim. Sua Tia Reed e o Reverendo Brocklehurst são apresentados a ela e reconhecidos socialmente como pessoas respeitáveis e de bem. Se ser bom é ser como eles, Jane não está muito certa se quer ser "boa". Isso é demonstrado em várias cenas do romance, mas para mim a mais notável é aquela em que o Reverendo Brocklehurst dá a entender que se Jane fizer o que ele manda ela será recompensada; e, se não fizer, quando morrer irá para o inferno. Ele termina o discurso perguntando o que ela deve fazer para evitar ir parar em um poço cheio de fogo. Assim encurralada, a resposta da menina é "I must keep in good health and not die."[6] (Capítulo IV) Situações como esta mostram que a definição de termos abstratos como "bondade" ou "respeitabilidade," naquele momento e naquele contexto está passando por algum tipo de crise. O que lemos ali é uma crítica, uma reclamação pelo fato que ali, às vezes, pessoas muito mesquinhas são respeitadas e pessoas que se submetem são recompensadas.

Dentro do universo ficcional de *Jane Eyre* a Tia Reed e o Reverendo Brocklehurst podem ser muito respeitáveis. Mas para as primeiras gerações de leitores da obra, que viviam na realidade vitoriana, eles eram sem dúvida os vilões da história. Como ainda são. Então percebemos aqui, novamente, o efeito da crítica que é feita ao comportamento hipócrita que tantas vezes as pessoas são constrangidas a interpretar socialmente. Isso se aplica de forma especial às camadas sociais emergentes – no caso o operariado e a classe média – que não poupavam esforços para serem aceitas na esfera para a qual estavam tentando se alçar. Apesar de não estarem racionalmente embasados em teorias sociais, os questionamentos da protagonista são simples e muito fortes. O direito de defender seus próprios interesses está claro na obra. Se o grande atributo de Oliver Twist é a sua pureza,

[6] Tradução minha do original:"O jeito é eu ter boa saúde e não morrer." O diálogo aqui referido será apresentado mais adiante na monografia.

o de Jane Eyre é a coragem. Ela sempre expõe suas opiniões e está disposta a pagar o preço por isso. Seu discurso demonstra sua forte personalidade e ajuda a ressaltar os aspectos defectivos nas atitudes dos outros personagens.

Outro ponto importante que diferencia Jane Eyre e Oliver Twist é o tipo de contato com a família que os protagonistas têm no início dos romances. No começo da história, Oliver não recebe cuidados de nenhuma família, diferentemente de Jane, que apesar de pouco, teve algum respaldo por parte dos parentes. Em *Oliver Twist,* o protagonista está totalmente à deriva no início do romance. Sua mãe morre durante o parto e seu pai está inexplicavelmente ausente. Desde o princípio o protagonista trava uma luta por sua sobrevivência em um ambiente sem afeto e com escassa alimentação. A honestidade de Oliver, do modo em que é apresentada na obra, é o seu ponto forte e exerce um contraponto para a sua falta de virtudes excepcionais ou herança proveniente dos vínculos familiares. A precária educação e as poucas oportunidades de sucesso na vida, associadas ao fato de que Oliver definitivamente não demonstra ambições ou sede por conhecimento, reafirmam a idéia de que a maior preocupação de Dickens é mostrar a saga do personagem pela sobrevivência e a sua busca por abrigo, alimentação e afeto.

No caso de *Jane Eyre*, a protagonista cresce na casa de sua tia e mais tarde é enviada para uma instituição educacional de caridade para meninas, no interior de Yorkshire, chamada Lowood. Apesar dos maus tratos físicos e psicológicos recebidos pela protagonista no período em que esteve com a família e na instituição, ainda assim considero o ambiente de criação e de educação de Jane menos ruim do que o de Oliver.

Estes dois romances possuem certos componentes textuais que remetem à realidade do sistema educacional do período vitoriano. No primeiro capítulo de *Oliver Twist*, o narrador apresenta o nascimento do protagonista e as circunstâncias da morte da sua mãe numa *workhouse*. Para explicar em português o que é uma instituição como a *workhouse*, recorro a Machado de Assis, o primeiro tradutor de *Oliver Twist* para o português. Como costumava acontecer naquela época, os detalhes sobre o nome da cidade onde a *workhouse* estaria localizada, ou qualquer outra informação que poderia vincular a obra com alguma instituição real, são logo evitados pelo autor, como podemos ver no primeiro parágrafo do romance:

> Among other public buildings in a certain town, which for many reasons it will be prudent to refrain from mentioning, and to which I will assign no fictitious name, there is one anciently common to most towns, great or small: to wit, a workhouse; and in this workhouse was born; on a day and date which I need not trouble myself to repeat, inasmuch as it can be of no possible consequence to the reader, in this stage of the business at all events; the item of mortality whose name is prefixed to the head of this chapter.
>
> For a long time after it was ushered into this world of sorrow and trouble, by the parish surgeon, it remained a matter of considerable doubt whether the child would survive to bear any name at all; in which case it is somewhat more than probable that these memoirs would never have appeared; or, if they had, that being comprised within a couple of pages, they would have possessed the inestimable merit of being the most concise and faithful specimen of biography, extant in the literature of any age or country.
>
> Although I am not disposed to maintain that the being born in a workhouse, is in itself the most fortunate and enviable circumstance that can possibly befall a human being, I do mean to say that in this particular instance, it was the best thing for Oliver Twist that could by possibility have occurred.[7] (Dickens, 2003, p.2)

Na tradução realizada por Machado de Assis, o termo *workhouse* é inicialmente traduzido como "asilo de mendicidade". O dicionário Longman Cultural (LONGMAN: 1993) explica que as *workhouses* são instituições públicas com função de oferecer lugar para pessoas muito pobres e desempregadas. Acrescenta que as pessoas tinham muito medo de serem mandadas para este tipo de instituição. As *workhouses* são ao mesmo tempo um arremedo de coisas que deveriam ser positivas – como lar, escola ou curso profissionalizante – e de coisas negativas como prisões, reformatórios ou casas de correção. Elas não abrigavam apenas crianças e jovens, mas também adultos desvalidos que não tinham condições de se sustentar e que precisavam de um lugar para viver e trabalhar.

---

[7] Tradução Machado de Assis, 1870: "Dentre os vários monumentos públicos que enobrecem uma cidade de Inglaterra, cujo nome tenho a prudência de não dizer, e à qual não quero dar um nome imaginário, um existe comum à maior parte das cidades grandes ou pequenas: é o asilo da mendicidade. Lá em certo dia, cuja data não é necessário indicar, tanto mais que nenhuma importância tem, nasceu o pequeno mortal que dá nome a este livro.

Muito tempo depois de ter o cirurgião dos pobres da paróquia introduzido o pequeno Oliver neste vale de lágrimas, ainda se duvidava se a pobre criança viveria ou não; se sucumbisse, é mais que provável que estas memórias nunca aparecessem, ou então ocupariam poucas páginas, e deste modo teriam o inapreciável mérito de ser o modelo de biografia mais curioso e exato que nenhum país em nenhuma época jamais produziu.

Ainda que eu não esteja disposto a sustentar que seja extraordinário favor da fortuna nascer a gente num asilo de mendigos, posso afirmar que, nas circunstâncias atuais, era o melhor que podia acontecer a Oliver Twist.

Figura 6: O portão de entrada de uma workhouse *na Irlanda.* Circa, 1846

No romance de Dickens, Oliver passa os nove primeiros anos de sua vida em uma *workhouse* para jovens próxima a Londres. A descrição do local, como apresentada no texto, poderia ser comparada aos históricos campos de concentração da segunda guerra mundial. Oliver e muitos outros meninos passavam fome ali. A comida era insuficiente para alimentar as crianças; muitos conflitos envolvendo a alimentação são apresentados no texto, assim como também acontece na experiência de Jane Eyre, em Lowood. Além disso, os jovens eram forçados a trabalhar em locais insalubres. Não havia preocupação a respeito de sua saúde ou segurança. Ao invés de educação, dever, subserviência e disciplina eram ensinadas para aquelas crianças. A ideia básica era que, como eram pobres, aqueles jovens por si sós estariam condenados a uma vida marginal, que conduziria ao desespero e à criminalidade. Se aprendessem uma função subalterna e simples, poderiam ter um futuro melhor como empregados de alguma fábrica, por exemplo. Por isso, os ensinamentos que recebiam eram voltados especificamente para a execução de tarefas simples e para a obediência, gratidão e docilidade.

Figura 7: Cena no interior de uma workhouse. *(autor desconhecido)*

Apesar de atualmente ser incontestável, pelo bom-senso e pela psico-pedagogia, a função e o valor que a família pode exercer na formação dos indivíduos, o narrador de *Oliver Twist* parece encontrar razões e aspectos positivos relacionados ao fato de Oliver Twist ter nascido sem família e estar em uma *workhouse*:

> The fact is, that there was considerable difficulty in inducing Oliver to take upon himself the office of respiration, a troublesome practice, but one which custom has rendered necessary to our easy existence; and for some time he lay gasping on a little flock mattress, rather unequally poised between this world and the next: the balance being decidedly in favour of the latter. Now, if, during this brief period, Oliver had been surrounded by careful grandmothers, anxious aunts, experienced nurses, and doctors of profound wisdom, he would most inevitably and indubitably have been killed in no time. There being nobody by,however, but a pauper old woman, who was rendered rather misty by an unwonted allowance of beer; and a parish surgeon who did such matters by contract; Oliver and Nature fought out the point between them.[8] (Idem, p. 3)

[8] Tradução – Machado de Assis 1870: "A razão é esta. Houve imensa dificuldade em fazer com que Oliver desempenhasse as funções respiratórias, exercício fatigante, mas necessário à nossa existência. Durante algum tempo ficou o pecurrucho deitado no colchão de lã grosseira, fazendo esforços para respirar, oscilando entre a vida e a morte e inclinando-se mais para esta. Se durante esse tempo Oliver estivesse rodeado de avós solícitos, tias assustadas, amas experientes e médicos profundamente sábios, morreria infalivelmente. Mas como não havia ninguém, exceto uma pobre velha que havia bebido um trago demais e um médico pago por ano para esse trabalho, Oliver e a natureza ficaram sozinhos em face um do outro."

A abordagem realizada por Dickens para descrever o nascimento de Oliver no início do romance apresenta o começo da saga pela sobrevivência do protagonista e pode revelar uma crença do autor no individualismo.

> ‘Lor bless her dear heart, no!’ interposed the nurse, hastily depositing in her pocket a green glass bottle, the contents of which she had been tasting in a corner with evident satisfaction.
>
> ‘Lor bless her dear heart, when she has lived as long as I have, sir, and had thirteen children of her own, and all on ‘em dead except two, and them in the wurkus with me, she’ll know better than to take on in that way, bless her dear heart! Think what it is to be a mother, there’s a dear young lamb do.[9] (Ibidem, p. 5)

A descrição de personagens problemáticos torna clara a mensagem de que famílias e indivíduos com problemas gerariam mais problemas com a sua prole para a sociedade:

> The surgeon leaned over the body, and raised the left hand.
>
> ‘The old story,’ he said, shaking his head: ‘no wedding-ring, I see. Ah! Good-night!’
>
> The medical gentleman walked away to dinner; and the nurse, having once more applied herself to the green bottle,sat down on a low chair before the fire, and proceeded to dress the infant.[10] (*Ib*., p. 6)

---

[9] Tradução Machado de Assis, 1870: “— Deus proteja a pobre mulher! — disse a enfermeira, metendo na algibeira uma garrafa cujo conteúdo provava nesse momento com evidente satisfação; quando ela tiver vivido tanto como eu e tiver tido treze filhos e perdido onze, visto que só me restam dois aqui no asilo, então há de pensar de outra maneira. — Ora, vamos, pense na felicidade de ser mãe deste pequeno.”

[10] Tradução Machado de Assis, 1870: “O médico inclinou-se para o corpo e, levantando a mão esquerda da defunta, disse abanando a cabeça: — Sempre a mesma história; não tem anel de aliança... Não era casada... Boa noite!O doutor foi jantar, e a enfermeira, depois de levar à boca a garrafa, assentou-se numa cadeira junto à lareira e entrou a vestir o pequeno.”

A solução do problema social relacionado aos menores carentes e abandonados, de acordo com o subtexto de *Oliver Twist*, não seria simplesmente uma responsabilidade do estado para com os indivíduos. Dickens deixa claro que a sociedade é composta por indivíduos que podem ser afetados pelo alcoolismo, pela falta de caráter ou pela própria incapacidade de administrarem suas vidas. Está presente no subtexto a idéia de que muitas famílias abandonariam sua prole levando a um problema social que inicialmente foi gerado apenas por um casal de indivíduos irresponsáveis, no caso os pais. De acordo com esta premissa, a solução poderia também ser encontrada dentro de cada indivíduo. O indivíduo pode de fato superar determinadas circunstâncias e um nascimento. Esta noção vitoriana diferencia a sociedade inglesa anglicana de muitas outras com relação ao número de filhos que uma família comporta. Em sociedades latinas e católicas, por exemplo, as famílias pobres têm muitos filhos. Essas pessoas geralmente ocupam os empregos mais simples, e o termo "proletariado" é atribuído a eles, pois quase sempre têm uma prole grande. Na tradição inglesa vitoriana, quanto menor é o salário de alguém, menos filhos ele procura ter. E o termo usado para os trabalhadores simples é "operariado" (*working classes*). De qualquer forma, os pais de Oliver feriram a regra da responsabilidade, procriaram, morreram e deixaram seu filho para o estado criar.

Desta forma, o livro de Dickens ao mesmo tempo reconhece a responsabilidade do indivíduo na constituição da família e na consequente formação da sociedade, e ilustra como é precário o atendimento prestado pelo estado. Chama ambas as esferas à responsabilidade. Mas, ao mesmo tempo, evita uma crítica aberta ao estado e às instituições responsáveis pelo bem estar social. Esta é uma característica da literatura inglesa, que quase nunca tem as cores tão carregadas politicamente quanto a de outras literaturas européias.

Figura 8: Retrato de uma poorhouse: *estabelecimentos de auxílio aos pobres e desamparados existentes desde os tempos da implementação das primeiras* Poor Laws *na Idade Média.*

Este modo de escrita, que aponta e comenta sem se aprofundar muito nas relações de responsabilidade que o Estado e a comunidade deveriam ter, pode ter sido fundamental para a aceitação e assimilação da crítica feita pela obra de Dickens pela sociedade vitoriana. A mistura de elementos cômicos, de crítica social, de ironia e de ternura ao mesmo tempo realçam a denúncia e suavizam a reação contrária a ela. Assim, sem entrar em confronto direto com o sistema vigente, através do uso da linguagem ficcional e da negociação com os valores vitorianos, Dickens acaba se tornando o escritor inglês que realiza a denúncia mais contundente do tratamento recebido pelas crianças no período vitoriano e questionando até mesmo a própria validade da administração das *workhouses* a partir da descrição dos eventos ocorridos naquelas instituições.

Além de atos de violência física e moral contra as crianças, Dickens descreve o modo como elas eram obrigadas a passar o dia, com um tipo de alimentação extremamente

minguada, chegando muitas vezes à morte por desnutrição. A ênfase nas virtudes da frugalidade parece ser comum naquela época. Sylvia Lynd menciona o caso de uma família britânica, em que se acreditava que um regime quase exclusivamente a base de caldos domava cedo a vontade das crianças (LYND: circa 1940, p. 36).

Figura 9: Eu poderia ter mais, senhor? (Gravura original de Oliver Twist, por George Cruikshank)

Entretanto, a morte de um menino era uma ocorrência lastimável para quem dirigia a *workhouse*, uma vez que recebiam ajuda de custo por indivíduo. Quanto mais crianças, mais dinheiro, que seria desviado dos pratos de mingau de aveia dos meninos para os largos bolsos dos "responsáveis" pelas *workhouses*.

O mais indignante é o fato de que as eventuais mortes das crianças já eram de certa forma estatisticamente esperadas. Ninguém procurava saber a causa exata da morte de cada uma daquelas crianças. Ora, não é nada difícil concluir a mensagem óbvia que o texto de Dickens passa, uma vez que a ajuda enviada todo ano pelas autoridades era por pessoa, logo, quanto menos pessoas durante o período, menores seriam os custos. O que certamente traria mais dinheiro para eles mesmos. Para simplificar, essas atitudes podem ser consideradas como um círculo vicioso, onde, quanto mais se tem poder, mais se quer ter. Mesmo que à custa das vidas de outros.

Apesar de Oliver não ser descrito como um indivíduo habilidoso ou com inteligência privilegiada, a conservação de valores e o esforço pela sobrevivência realizado pelo personagem são aspectos fundamentais da obra. Ao contrário da progressiva adaptação de Jane na instituição de ensino de Lowood, Oliver não consegue se enquadrar e resolve fugir da sua instituição. Ele não consegue suportar mais a situação a que estava submetido na *workhouse* e prefere arriscar a sua vida nas ruas. Jane espera até ter condições de prover por sua própria sobrevivência para fazer uma coisa semelhante. Mas Oliver tem pressa, porque não tem esperanças de melhoras na sua condição de vida nessa instituição de caridade. Nem o protagonista nem o subtexto geral da obra trazem indícios de uma expectativa por melhora no sistema educacional. Já no caso de Jane, o orfanato é uma instituição filantrópica, mantido pela contribuição das pessoas mais abastadas da comunidade e pelo pouco que os familiares de cada criança pudesse oferecer. O pai de Helen Burns, a amiga de Jane, pagava uma pequena taxa anual. Já a tia de Jane era uma das benfeitoras e contribuía com uma quantia que, para os seus padrões, era pequena mas que para a instituição, era bem-vinda.

Na fuga de Oliver para Londres, o protagonista inadvertidamente se junta a um bando de marginais comandado por um dos grandes vilões da história de Dickens – Fagin. Oliver passa por muito sofrimento antes do final feliz em que recebe a herança que o pai lhe deixou e em que é encontrado por sua inesperada família.

No romance de Charlotte Brontë, Jane Eyre era considerada uma criança má, por sua conduta diante da tia que a abrigava. Como consequência, foi enviada à instituição de ensino de tempo integral para meninas órfãs ou desvalidas chamada Lowood. Sua forte personalidade a levou a situações conflitantes com o Reverendo Brocklehurst, que era o

dirigente da instituição. Antes mesmo de viajar para a escola, ainda na casa da Tia Reed, o primeiro contato entre ambos já nos apresentara a tônica do relacionamento dos dois no decorrer do livro. Cito aqui parte da cena já anteriormente citada, na qual Jane se recusa a fornecer a resposta esperada pelo arguidor.

> ‘No sight so sad as that of a naughty child,’ he began, ‘especially a naughty little girl. Do you know where the wicked go after death?’
> ‘They go to hell,’ was my ready and orthodox answer.
> ‘And what is hell? Can you tell me that?’
> ‘A pit full of fire.’
> ‘And should you like to fall into that pit, and to be burning there forever?’
> ‘No, sir.’
> ‘What must you do to avoid it?’
>
> I deliberated a moment; my answer, when it did come, was objectionable: ‘I must keep in good health, and not die.’” (Brontë, 1994 p. 34)

Socialmente, o Rev. Brocklehurst era um membro respeitável da sociedade, responsável pela condução da instituição benemerente, assim como a tia de Jane era vista como a parente generosa que acolhera a sobrinha órfã e agora a enviava e mantinha na escola. Provavelmente, ao conversar com os vizinhos, quando explicava que a sobrinha estava na escola a Sra. Reed evitava dizer em que tipo de escola. Este tipo de hipocrisia social é o foco da denúncia feita em *Jane Eyre*. Aparentemente temos uma situação respeitável e normal. Por outro lado, sentida do lado de dentro, a vivência de Jane na casa dos Reed e depois a de todas as crianças mantidas no orfanato de Lowood mostra o sofrimento de quem é criado sem carinho, sem se sentir querido e importante. A comida é escassa, a humanidade é ausente, o rigor é extremo. As regras com que Brocklehurst regia a escola eram frias e duras. E havia justificativas para que agisse assim. O Reverendo argumentava que era pela vontade de Deus que as meninas estavam na situação em que estavam. Ali, elas aprenderiam como viver decentemente e com frugalidade. O sofrimento, o estoicismo e a penitência fariam delas pessoas melhores.

Além da penúria a que as crianças eram expostas, havia ainda o contraste que beirava o sadismo no tratamento dado a pessoas diferentes. Quando vivia em Lowood, Jane sentia a diferença da forma como ela e os três primos, filhos da Sra. Reed, eram tratados.

Em Lowood, o Rev. Brocklehurst não tinha escrúpulos em levar as suas próprias filhas e colocá-las em contato com as outras meninas. As filhas de Brocklehurst eram muito coradas e saudáveis e apareciam muito bem vestidas. Elas tinham cabelos lisos mas, de acordo com a moda da época, que valorizava cachos, elas tinham penteados que as faziam parecer crespas. Isso contrasta com a cena em que Brocklehurst se dá conta de que uma das meninas da escola tem cabelos ruivos e naturalmente crespos. Imediatamente, ele ordena que os cabelos da menina sejam cortados rente. Existe sempre uma explicação para cada ato: não é conveniente que uma menina pobre seja bonita e atraente, isso a colocaria em situação maior de risco do que se ela fosse uma menina comum ou feia. O que não se aplica a suas próprias filhas, que podem dar-se o luxo de realçar sua aparência. Não fica claro no romance, se Mr. Brocklehurst se dava conta de que o dinheiro gasto para dar conforto e beleza a suas filhas estava diretamente ligado ao dinheiro que não era investido para comprar comida mais nutritiva ou cobertores mais quentes para as alunas do orfanato, que morriam quase que diariamente.

Na primeira vez em que conversou com Jane, ainda na casa da Sra. Reed, o Rev. Brocklehurst, para ilustrar como se comporta uma criança *boa*, mencionou um menino que, quando perguntado se preferia recitar um salmo da Bíblia ou ganhar um biscoito, sempre respondia que preferia o salmo. Como recompensa, ganhava então dois biscoitos (Capítulo IV). Esta referência mostra que ser *bom* significava seguir as normas do jogo social, e isso trazia recompensas. Mas o motivo principal porque menciono aqui este episódio é que em Lowood só havia meninas. Portanto, deduzo que o Rev. Brocklehurst era responsável por outras, talvez diversas outras, instituições de caridade como Lowood, o que agrava bastante a situação apresentada. Todos esses indícios apontam para o fato de que o Rev. Brocklehurst – de forma consciente ou não – utilizava o dinheiro da escola para manter o seu opulento estilo de vida. Ele é pintado na narrativa apaixonada em primeira pessoa deste romance como um homem cruel e hipócrita. Como resultado das péssimas condições de Lowood, muitas meninas morreram de tifo naquela instituição, incluindo a melhor amiga de Jane, Helen Burns. Lowood não era um bom lugar para viver ou para aprender. As mortes na escola acabaram chamando a atenção da comunidade e das autoridades para a escola, e o Rev. Brocklehurst foi rebaixado da sua posição de diretor. A crítica feita a esse personagem quase caricatural, por extensão, pode se estender a todos os personagens que ocupam cargos de poder na obra de Brontë: não faz muita diferença se é ausente, como o

pai e o tio de Jane que morrem e a deixam à mercê da sorte; ou quando se é cruel e egoísta, como a Tia Reed ou o Rev. Brocklehurst. Há vários outros personagens que representam este papel de poder neste romance, e que têm o poder de fazer os que estão sob o seu comando se sentirem muito bem ou muito infelizes. Infelizmente, não há espaço aqui para analisá-los. Por isso, aponto apenas que a vida em Lowood melhora muito a partir do momento em que o poder de Brocklehurst diminui. Assim, o comentário social que transparece em *Jane Eyre* parece ressaltar a importância da atuação individual, especialmente por parte de quem exerce uma função de responsabilidade; e como é importante o controle das instituições por parte da comunidade que as mantêm. Embora todos os estudantes e professores estivessem em contato com as deficiências de Lowood, o romance mostra Jane como a primeira a perceber o que as autoridades educacionais perceberiam alguns anos depois. Numa dimensão mais ampla, este romance aponta para coisas que a pedagogia contemporânea ressalta. E para problemas administrativos que, infelizmente, continuam acontecendo hoje em dia. No romance de Charlotte Brontë, somente após as fatalidades ocorrerem as autoridades e a comunidade patrocinadora da escola passaram a supervisionar e exigir um melhor padrão de tratamento para as crianças da instituição. Considero este ponto importante, pois até hoje é fundamental o envolvimento dos pais e da comunidade para uma boa gestão da educação pública orientada para crianças e adolescentes, tanto na escola particular, que é paga pelos pais, quanto na pública, que é paga pelos impostos dos cidadãos.

Após as mudanças estruturais em Lowood, a vida de Jane Eyre melhora consideravelmente. A protagonista consegue completar os seus estudos na escola e torna-se uma professora. A partir deste momento, a protagonista atinge a independência necessária para oferecer seus serviços à comunidade e decidir que rumo tomar. Neste ponto, a independência da protagonista é apresentada pela autora como resultado de seus próprios esforços.

Como este trabalho tem o foco voltado para questões e conceitos ligados à área de educação, e como Jane torna-se uma professora após concluir os seus estudos em Lowood, não posso resistir a apresentar alguns comentários sobre sua atuação como profissional da área. No romance, Jane Eyre leciona para três tipos diferentes de estudantes. Primeiro ela leciona em Lowood por algum tempo. Não parece nem satisfeita e nem apaixonada pelo

que faz. Termina por pedir demissão porque, por ser jovem e querer mais da vida, acha que chegou a hora de partir para novas descobertas e aventuras. Não há nada registrado no romance sobre os alunos que ela tem, seu desempenho, seus progressos ou algo assim. A professora que Jane e a amiguinha Helen admiram e em que se espelham, Miss Temple (o sobrenome não deixa de ser um elogio à arte de ensinar) é tão boa que é recompensada na narrativa encontrando um homem bom e digno que a pede em casamento. Ela casa e vai embora com o marido. Isso diz muito sobre o que se entende por trabalho, especialmente quando realizado por uma mulher, naquela época. Trabalha-se enquanto se precisa prover pela sobrevivência. Assim que alguma outra oportunidade surge, se deixa de trabalhar.

O segundo emprego de Jane é em Thornfield Hall, onde é contratada para trabalhar como preceptora, ensinando uma jovem menina francesa, talvez filha, talvez protegida do Sr. Rochester. Como professora, os sentimentos que nutre pela aluna Adèle, de dez anos, são contraditórios. Por um lado ela se apega à criança, na qual encontra ecos da sua própria situação de abandono emocional quando tinha a mesma idade; por outro lado, como a menina é francesa (e a autora do livro, sem saber, é xenófoba), bonita e coquete, a professora Jane já parte do pressuposto de que está perdendo seu tempo e que o resultado do trabalho não vai ser muito produtivo. Outro ponto interessante é o que acontece quando, num determinado ponto da narrativa, Jane tem a impressão de que o Sr. Rochester vai se casar com uma mulher (Blanche Ingram) que não gosta de crianças. Se isso acontecer, Adèle deverá ser mandada para uma escola. Jane parece lamentar muito que este triste destino seja dado à criança. Paradoxalmente, no final do romance, quando a própria Jane se casa com Rochester, ela nos conta que Adèle terminou mesmo sendo mandada (por ela e por Rochester) para uma escola, mas uma boa escola "a school conducted on a more indulgent system"[11] e onde "a sound english education corrected in a great measure her French defects"[12] (Capítulo XXXVIII). Este comentário (abstraído o aspecto preconceituoso, que não está o foco da nossa pesquisa) mostra também que há escolas e escolas. "Mandar uma criança para a escola" parece ser uma expressão ambígua, que tanto pode representar que a família ou a sociedade está se livrando de um fardo indesejável, como no caso de Oliver ou de Jane, ou que a família, muitas vezes com esforço, não se

[11] Tradução minha: "onde o sistema não era tão rígido"

[12] Tradução minha: "uma educação inglesa saudável conseguiu corrigir, em boa parte, seus defeitos franceses."

furta a pagar às vezes altas quantias de dinheiro para poder propiciar aos filhos uma educação de qualidade e uma boa inserção na sociedade. O último comentário sobre Adèle, no romance, revela que quando finalmente deixou a escola, ela se tornou uma moça agradável e gentil, "docile, good-tempered, and well-principled"[13](idem).

Houve ainda um período intermediário em que Jane lecionou na escola paroquial de Marsh End para os filhos dos camponeses locais. Os comentários de Jane sobre esta função revelam, novamente, uma contradição nos seus sentimentos com respeito à função que exerce. Por um lado, ela repete para si mesma que nessas crianças (provavelmente por serem inglesas) "the same germs of native excellence, refinement, intelligence, kind feelings, are as likely to exist in their hearts as in those of the best-born"[14] (Capítulo XXXI).

Contudo, apesar de se culpar por isso, Jane não pode evitar de se sentir humilhada por exercer uma função tão humilhante. "I felt desolate to a degree. I felt – yes, idiot that I am – I felt degraded. I doubted I had taken a step which sank instead of raising me in the scale of social existence."[15] (Idem)

Todas essas coisas ocupam um espaço menor na estrutura do romance *Jane Eyre*. Tecnicamente, Adèle serve apenas para propor o motivo da aproximação entre Jane e Rochester. O próprio fato de Jane ser uma professora é causado pela circunstância de que esta é uma das pouquíssimas profissões disponíveis para que uma menina órfã conseguisse escapar da miséria ou da desonra, naquele contexto. Tanto assim que, assim como acontecera com Miss Temple, a professora querida de Lowood, assim que tem oportunidade de deixar de trabalhar, ao receber uma herança, Jane abandona o magistério.

Em todas as referências à educação, nas duas obras, com exceção do ensino particular em casa, existe um estreito relacionamento entre a igreja e as instituições de

---

[13] Tradução minha: "dócil, de boa índole e de bons princípios"

[14] Tradução minha: "provavelmente podiam brotar tantos germens de excelência natural, refinamento, inteligência, bons sentimentos, em seus corações, quantos devem existir nos corações de crianças nascidas em situação mais favorável"

[15]Tradução minha: "Num certo aspecto, estava me sentindo miserável. Sentia – sim, que idiota que eu sou – sentia que aquilo era muito degradante. Receava ter tomado uma atitude que me rebaixava, ao invés de me elevar, na escala da existência social."

ensino. A estrutura do sistema educacional vitoriano, os tipos de instituições de ensino e os vínculos com a igreja serão comentados na próxima seção deste trabalho.

5. O Sistema Educacional Vitoriano

Como vimos na seção anterior, uma série de componentes textuais tanto em *Oliver Twist* quanto *Jane Eyre* fazem mediação com as práticas, as crenças e as convenções sociais do período analisado. Ao considerarmos o sistema educacional vitoriano, percebemos que existem diferenças marcantes nas formas como as crianças são educadas, e até mesmo nos conteúdos programáticos abordados. Crianças mais ricas aprendem música, desenho, línguas estrangeiras, regras de etiqueta, que são técnicas para se movimentarem em sociedade, entreterem uma boa conversação e conquistarem bons parceiros de negócios e casamentos convenientes. Já as crianças mais pobres aprendem técnicas para conseguir um emprego e para administrarem o pouco que têm, aprendendo a cerzir, a consertar coisas estragadas e outras habilidades práticas. Os diferentes tipos de instituições variam de acordo com a localização geográfica e com a classe social atendida. Escolas urbanas são bem diferentes das instituições de ensino do interior. Existem as instituições mantidas pelo governo, as mantidas por grupos filantrópicos (geralmente religiosos) e as particulares. E as diferenças curriculares marcantes contemplam o público alvo, que se divide entre os pobres, o operariado, a classe média e as classes abastadas. Nesta última categoria há também uma série de diferenciações, que vão da escola para a qual Adèle é mandada no final da história, em *Jane Eyre*, até os super estabelecimento de ensino, como Harrows e Eton, onde estudam os filhos da alta nobreza. São tantas as diferenças que, novamente, não vou poder abordar o assunto no grau de detalhamento que ele merece. Por isso, vou tratar aqui apenas das instituições voltadas para as camadas mais desfavorecidas.

À época, o Estado laico britânico não oferecia para sua população uma educação desvinculada da religião. As escolas britânicas ou *British Schools* foram implementadas em 1810 por uma organização religiosa denominada *British and Foreign Schools Society,* dirigida pelo missionário Quaker Joseph Lancaster. As *British Schools* funcionavam com equipes de monitores pagos para operar na Grã-Bretanha e também nas colônias inglesas.

Estima-se que 1500 escolas desse tipo estavam em funcionamento em 1851. As Escolas Nacionais ou *National Schools* evoluíram a partir do sucesso das escolas do missionário Lancaster. O currículo da Escola Nacional era focado na liturgia da igreja e no Catecismo. O sistema de educação baseado no sistema de monitoria também era utilizado nas Escolas Nacionais, estima-se a existência de 17.000 escolas deste tipo no império britânico no ano de 1851.[16]

Antes de 1870, não era obrigatório para as crianças britânicas frequentarem a escola. Durante o início da era vitoriana apenas crianças de famílias ricas seguiam esta prática. Existiam também crianças que eram ensinadas em casa por preceptoras ou até pelos próprios pais. Algumas famílias mais pobres mandavam os filhos às *Sunday schools*, escolas dominicais, onde recebiam uma escolarização rudimentar orientada ao trabalho e à religião. Em 1870 uma lei foi aprovada para a criação das *Boarding Schools* em todas as regiões, para crianças com idade entre cinco e treze anos. No entanto, as *Boarding Schools* não eram gratuitas, o que causava problemas para algumas famílias.

Havia diversos tipos de escolas no período vitoriano, incluindo *Ragged Schools* e *Sunday Schools*, que as crianças pobres poderiam frequentar pagando um valor relativamente baixo. Já as *Public Schools*[17] eram para os meninos ou meninas das classes mais privilegiadas economicamente.

---

[16] Exceto quando especificamente mencionado, os números dados factuais apresentados nesta seção se baseiam no texto *The Public School Phenomenon*, (GATHORNE – HARDY, Jonathan : 1977)

[17] É importante frisar que aqui estamos lidando com um caso de falso cognato: A "public school" inglesa equivale à nossa "escola particular." Em português, o ensino "público" é gratuito e mantido pelo governo. Em inglês a "public school" tem por dono um membro do público, ou seja, é um investimento privado com fins lucrativos.

Figura 10: Escolas públicas eram frequentadas pelas classes sociais mais ricas.

As *Ragged Schools*, criadas especialmente para dar educação aos mais pobres, são chamadas geralmente de escolas irregulares ou alternativas. No entanto, o termo *ragged* é um adjetivo pejorativo que carrega o significado de esfarrapado, maltrapilho, ou em pedaços. As famílias mais pobres podiam enviar seus filhos para as *Ragged Schools* de graça, embora algumas escolas contassem com uma colaboração de valor relativamente reduzido. Estima-se que havia cerca de 200 dessas escolas irregulares na Inglaterra na metade do século XIX. Por um lado, o próprio nome dado a este tipo de instituição já indica o forte sentimento de deslocamento social classe e o sentimento de inferioridade que um aluno de uma escola irregular deveria nutrir. Por outro lado, não deixa de ser um mérito do sistema vitoriano apostar na educação de todos, inclusive dos miseráveis, como uma estratégia até para promover a saída do estágio de miséria.

Outros dois tipos de escolas eram também destinados aos mais pobres, as *Dame Schools* e as *Workhouse Schools*. As *Dame Schools*, ou Escolas das Damas, eram dirigidas por mulheres sem condições para oferecer uma formação profissionalizante. Eram cobrados alguns centavos por criança por semana para ensiná-las a ler e escrever em um nível básico. As *Workhouse Schools* foram estabelecidas a partir da reforma de 1834. Os sindicatos foram obrigados a financiar três horas diária de estudos para as crianças alojadas

nas *Workhouses*. Nas *Workhouse Schools*, as crianças apendiam a ler, a escrever, matemática básica e religião, além de serem treinadas para o trabalho.

Na versão de *Oliver Twist* traduzida por Machado de Assis, como vimos anteriormente, o termo *workhouse* é apresentado inicialmente como asilo de mendicidade. Mas o escopo semântico do termo abrange também as ideias de reformatórios ou casas de correção. Historicamente, as *workhouses* já faziam parte da realidade inglesa muito antes da era vitoriana. As Leis dos Pobres (*Poor Laws*), aplicadas na Inglaterra e no País de Gales, se originaram na dinastia Tudor em 1536 e foram oficialmente publicadas em 1587-88. Essas Leis dos Pobres constituíam um sistema de amparo social destinado aos pobres que não tinham condições de se sustentar. Desde então, existem indícios do inicio de funcionamento de *poorhouses*, *workhouses e Sunday schools*. Existem duas divisões históricas fundamentais nas Leis dos Pobres, a antiga Lei dos Pobres implementada no século XV no fim da idade média e a nova Lei dos Pobres reformada com modificações importantes em 1834, poucos anos antes da ascensão da rainha Vitória. Deste modo, como citado anteriormente, a partir de 1834, com a nova Lei dos Pobres, as *workhouses* passaram a oferecer educação básica para as crianças residentes através das contribuições compulsórias dos sindicatos.

"*Cottage Homes*" ou "abrigos" foram introduzidos na década de 1860 como uma alternativa à acomodação em reformatórios para crianças. Esses abrigos eram construídos em áreas rurais e baseados no conceito de "aldeia", de pequenas casas, cada uma acomodando "famílias" de 12 a 30 crianças. Além das casas e da escola, estas aldeias também possuíam oficinas, enfermaria e capela.

Após a reforma educacional de 1870, as crianças da Inglaterra Vitoriana continuaram sendo educadas de muitos modos diferentes, dependendo do sexo, da classe social, da região e dos valores religiosos. No entanto, o sistema educacional, bem como as condições de trabalho e moradia da população britânica tiveram melhoras significativas motivadas por diversos fatores no contexto histórico. O estudo social daquele período, assim como no caso específico da análise dos seus modelos educacionais, constitui uma importante fonte para pesquisa e conhecimento, que pode ser francamente utilizada em diversas áreas ainda hoje, notadamente na elaboração das políticas de Estado e na gestão educacional.

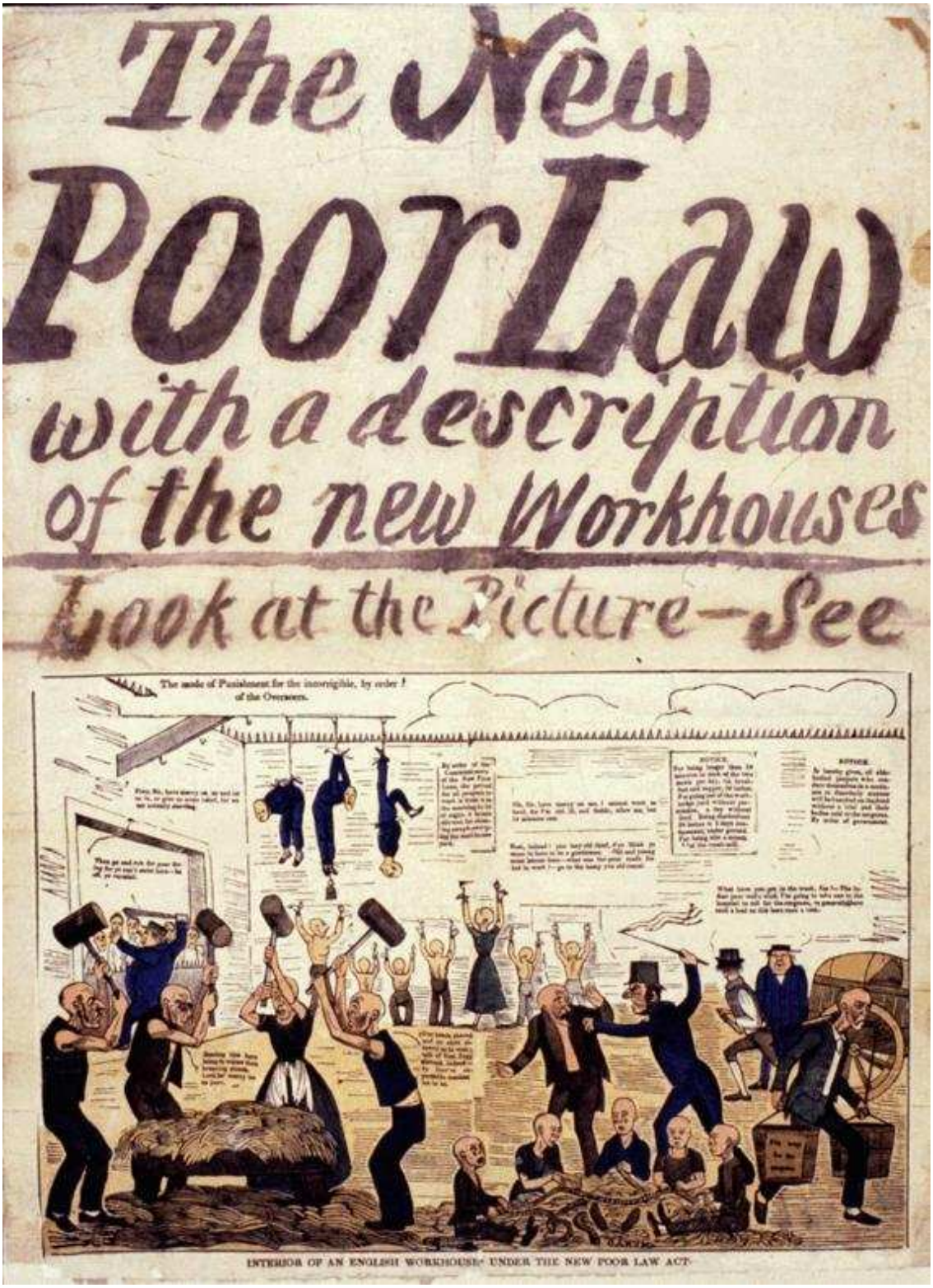


Figura 11: Panfleto que chamava a atenção da população descrevendo as condições de trabalho e educação nas "novas" workhouses. *(Autor desconhecido, 1834)*

6. Conclusão

Oliver Twist e *Jane Eyre* são romances que levantam questões importantes sobre a educação, sobre valores vitorianos e sobre o tipo de tratamento oferecido às crianças. Existe em comum, nas obras, uma evidente preocupação relacionada com a maneira como essas questões eram abordadas até aquele momento. De fato, além de ser fonte de entretenimento e obra estética, a literatura também possui essa dimensão em que apresenta e expõe problemas sociais e na qual reflete as práticas e costumes da cultura em que está inserida.

Dickens e Brontë, estes dois autores vitorianos, exploraram temas pertinentes à sua época sem contudo entrar em conflito direto e aberto com a percepção moralista dominante, através de um processo de negociação possível dentro da arte literária. Exemplos da forma como isso foi feito foram apresentados no decorrer deste trabalho. Este novo gênero ficcional, o romance, permitiu aos autores a criação de dois universos paralelos que não nomeiam diretamente os responsáveis pelos problemas, mas que levantam questões e apresentam indícios contundentes a respeito da situação social precária de parte significativa da população da Inglaterra Vitoriana.

No entanto, no caso das duas obras em análise, não caberia uma definição mimética aristotélica afirmando que as obras teriam por objetivo a imitação da realidade, e muito menos reproduzir fatos. Por princípio, o mundo ficcional exime o autor da compulsoriedade de ser fiel a uma determinada realidade. No entanto, o autor vive em um mundo real e de alguma maneira tem que buscar insumos para criação de uma obra ficcional. No caso desses dois autores, a fidelidade para com a realidade da emoção e da percepção individual dos fatos predomina sobre a intenção de oferecer uma narrativa detalhada ou técnica.

Além da análise da relação entre o autor e a obra, é importante também levar em consideração a resposta dos leitores à época da publicação e durante o desenvolvimento da

fortuna crítica dos romances e as consequências sociais relacionadas com a publicação das obras.

A exposição dos problemas na sociedade vitoriana realizada nas duas obras ajudou no reconhecimento e na identificação de problemas por parte da sociedade britânica. Sendo assim, ao mesmo tempo em que as obras em questão são de alguma forma influenciadas pela realidade, elas também criam um ciclo de reflexões na sociedade e acabam influenciando as atitudes reais e o planejamento social posterior. Isso é inevitável. Dessa forma, *Oliver Twist* e *Jane Eyre,* além de serem duas grandes obras de ficção, são também documentos que refletem práticas históricas. Estes dois romances provocaram discussões e assumiram o papel de elementos protagonistas diretos na história Inglesa.

Sylvia Lynd também aponta esta função adicional da literatura, visto que algumas mudanças positivas foram ocorrendo lentamente. Ela mostra, por exemplo, que "só em 1875, doze anos depois da publicação de *Water Babies,* de Kingsley, é que foi proibido o emprego de crianças como limpadoras de chaminés." (LYND: circa 1940, p.41) Além disso, os documentos literários refletem as formas como os interesses financeiros da sociedade se aliavam com os da religião. Isso provocava distorções em certos conceitos, e causava situações paradoxais como as que são criticadas nas obras, onde quem é socialmente "bom" – por exemplo, os benfeitores que colaboram para a manutenção dos orfanatos – são tão orgulhosos de suas boas obras que se tornam "maus." Não havia barreiras para que alguém fosse ao mesmo tempo rico, cruel e religioso.

O modelo educacional mudou consideravelmente na Grã-Bretanha desde a primeira revisão na Lei dos Pobres em 1834 até a reforma educacional de 1870, assim como muitos outros avanços sociais foram atingidos mais tarde. Obviamente, não podemos atribuir todas as mudanças políticas e sociais apenas à influência da literatura. Não podemos medir com exatidão a extensão dessa influência. Também não podemos identificar onde está o início ou o fim desta cadeia de influências: o autor apresenta cenas que exemplicam de forma contundente os escândalos sociais que presencia. O texto literário reflete essas circunstâncias e provoca discussões a respeito dos fatos. Essas discussões, com o tempo, levam a reavaliações e a modificações. Isso cria um movimento dialético que evolve três elementos: a vida levada para dentro da obra; a obra provocando a reflexão do leitor; o leitor modificando a prática da vida por influência da obra.

Romances e novelas eram muito populares no século XIX, e ainda são populares hoje em dia. A literatura tradicional no período vitoriano podia alcançar um grande número de leitores dentro das classes mais abastadas e na classe média. Não podemos dizer o mesmo sobre os textos com conteúdo puramente filosófico ou sociológico, que geralmente possuíam uma tiragem mais modesta e com distribuição restrita aos nichos acadêmicos e à literatura panfletária. Considerando essa popularidade, é natural reconhecer os efeitos que a literatura tinha o poder de causar naquele tempo.

Considero conveniente reafirmar que as mudanças na Lei dos Pobres, a Reforma Educacional de 1870 e tantas outras conquistas sociais vitorianas não podem ser atribuídas simplesmente à influência da literatura na sociedade, mas não há como negar que foram por ela fortemente influenciadas. Existe um conjunto de fatores relacionados ao contexto vitoriano que justifica tais mudanças. Todas as inovações tecnológicas e as mudanças no sistema produtivo e a decorrente crise social contribuiram para a composição do retrato da sociedade do século XIX. A crise social foi a maior motivadora das mudanças e das concessões que a classe política teve que realizar na legislação britânica. Os problemas haviam se tornado explícitos, estavam expostos nas ruas, nas calçadas, nas escolas, nos bares e nos lares britânicos. O medo de que a convulsão social pudesse levar a uma revolução burguesa ou proletária conduziu a monarquia e as classes políticas dominantes a alterarem a legislação e implementarem as mudanças sociais necessárias para conter os anseios da população. A convulsão social ocorrida em toda a Grã-Bretanha teve como epicentro a Irlanda, mas se refletiu também em todos os grandes centros urbanos. Neste ponto, a emigração para as colônias inglesas e para os Estados Unidos da América tornou-se uma válvula de escape que amenizou pressões sociais existentes dentro do Reino Unido. Exemplos dessas emigrações estão presentes tanto em *Oliver Twist* quanto em *Jane Eyre,* e demonstram o quanto essa prática era comum na época.

O espaço limitado de uma monografia é insuficiente para se poder perseguir a fundo todos os pontos de ligação entre as partes deste jogo instigante que é o trânsito entre as mudanças sociais profundas ocorridas na sociedade do século XIX e também na forma de se fazer obras de arte. A sociedade inglesa do início do século XX é tão diferente do que havia sido um século antes quanto um romance de James Joyce é diferente de um romance de Jane Austen. Tudo mudou muito, e as mudanças se refletem e se influenciam neste

trânsito entre o real e o ficcional. Essas trocas são fundamentais nesta monografia que vincula realidade e ficção. Para deixar isso claro, foi importante segmentar o trabalho nas seções selecionadas. Foram dois os motivos porque, ao longo de tantas páginas, foram abordadas premissas e práticas sociais vitorianas, assim como alguns aspectos da legislação. O primeiro é que, para os leitores brasileiros (como eu), muitos desses dados são desconhecidos. Conhecê-los facilita a compreensão do que se lê nos textos literários que estudamos e nos torna leitores melhor equipados. O segundo é que, possivelmente no mundo todo, a ideia que se faz da sociedade vitoriana enfatiza muito tudo o que é retrógrado e moralista, a ponto de não percebermos que, por outro lado, ali está também o berço de tudo o que consideramos moderno e avançado.

O preço a pagar por esta introdução ao assunto mais estendida é que, forçosamente, o ponto que é o foco do nosso interesse mereceria maior atenção e aprofundamento neste trabalho. Ou seja, a monografia está terminada, mas a pesquisa que a inspirou está apenas começando. O que foi feito aqui foi uma consideração sobre a inter-influência entre a arte e a sociedade em que ela se insere e um apanhado de fatos sobre as regras que regem o período de tantas mudanças conhecido como Vitorianismo. O ponto de convergência de toda esta discussão foi o nosso olhar sobre a situação destas duas crianças fortes, brilhantes e questionadoras, Oliver e Jane, quando inseridas nas instituições educacionais para onde são enviadas. A partir daqui a estrada está aberta para os próximos passos da pesquisa a ser empreendidos a seguir: o estudo das mudanças no estatuto do que seja uma *escola*, e do que seja uma *criança*. Por mais específico que o recorte pareça, ao se restringir a dois romances ingleses de cento e cinqüenta anos atrás, as mesmas circunstâncias são verificadas em obras escritas na França, em Portugal, no Brasil e em todo o mundo civilizado. O que muda são os conceitos do que seja um cidadão, um indivíduo, e dos direitos básicos em que tanto acreditamos hoje em dia.

Por enquanto, no breve espaço desta monografia, o desenvolvimento da pesquisa perseguiu a compreensão dos conceitos que embasam a sociedade e, por consequência, o sistema educacional vitoriano, dentro dos seus diferentes aspectos e reformulações legais. Esta é, de certa forma, uma pesquisa histórica que acredita na importância de compreendermos o passado para sermos capazes de reavaliar os atuais modelos de educação e para conseguirmos projetar os rumos que haveremos de tomar no futuro.

7. Referências Bibliográficas

BENTLEY, Phyllis. **The Brontës**. London: Thames and Hudson, 1989.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Harmondsworth: Penguin, 2003.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Harmondsworth: Penguin, 2003.

DURANT, Will. **The Story of Philosophy: The Lives and Opinions of the World's Greatest Philosophers**. New York: Pocket Books, 1961.

GATHORNE-HARDY, Jonathan. **The Public School Phenomenon.** London: Hodder & Stoughton, 1977

GEHRING, Paul. **Time of Prosperity**. Leipzig: 1910.

HORACE. **The Satires, Epistles and art of Poetry**. Harvard: LOEB, 2004.

LANDOW, C. P. **The reality of Victorianism**. Disponível em: <http://www. stg.brown/hypertext/Landow/victorian. > Acesso: 15.06.1998.

Longman Dictionary of English Language and Culture. Essex: Longman, 1993.

LYND, Sylvia. **Crianças Inglesas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, circa 1940.

MAGGIO, Sandra S. **Aspects of Victorianism in the Work of Charlotte Brontë**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Tese de doutorado.

SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

VICTORIANWEB. Disponível em: <www.victorianweb.org.> Acesso em: 24.08.2010.